

Resenha

ATWOOD, Margaret. A Odisséia de Penélope. Trad.: Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MARGARET ATWOOD E A *ODISSÉIA DE PENÉLOPE*: A “HOMÉRICA” REESCRITURA FEMININA DO CLÁSSICO GREGO

Luiz Manoel da Silva Oliveira (Professor Adjunto, UFSJ)

lumano@domain.com.br

A romancista, poeta, contista, ativista de causas sociais, ambientais e humanitárias e crítica literária canadense contemporânea Margaret Atwood tem um quê vanguardista revelador da sua capacidade de focalizar temáticas sociais inusitadas, representado-as em seus livros com um talento ímpar. Um atestado disso é a sua rica produção literária, encetada por vieses quase sempre bastante originais, que abrem espaço para a construção de personagens complexas, enquanto a autora lida com vertentes tão difusas quanto o sobrenatural; o gótico; a ficção científica; as distopias; a metaficção historiográfica; a mitologia; a ecologia; as questões identitárias do indivíduo e da nação; as questões femininas/feministas; e as teorias e questões coloniais, pós e neocoloniais da contemporaneidade.

Dentre as inúmeras obras da autora que encampam diversos desses temas, destacam-se *The Journals of Susanna Moodie* (1970), *Surfacing* (1972), *The Handmaid's Tale* (1986), *Alias Grace* (1996), *The Blind Assassin* (2000), *Oryx and Crake* (2003) , *The Penelopiad* (2005) e o seu mais recente romance *The Year of the*

Flood (2009). Em meio a essa ostensiva gama de tópicos e abordagens, vislumbra-se um fio condutor quase que onipresente em muitos dos seus escritos: a preocupação com a representação não somente do não-lugar, da ausência, da perda, da falta e da negatividade que a objetificação patriarcal reservou para a mulher, mas, sobretudo, da representação dos processos femininos de subjetificação e empoderamento, que se configuram anuladores daqueles escolhos antigos de opressão.

Esta é a tônica da narrativa de *A Odisséia de Penélope* (*The Penelopiad*), uma impressionante e concisa reescritura do clássico grego *A Odisséia*, vinda a lume pelo filtro de uma nova Penélope, que não é mais aquela esposa incomensuravelmente fiel e paciente da época áurea do Helenismo Clássico, mas sim uma personalidade forte e revigorada. De fato, após passar bem mais que dois milênios nos Campos Elíseos, a morada das almas virtuosas da Casa de Hades, a esposa de Odisseu percebe-se amadurecida e possuidora de uma percepção altamente crítica e irônica dos fatos, como ela mesma afirma na abertura da Capítulo 1: “Agora que morri, sei de tudo”. Isso lhe confere a sabedoria e a agência indispensáveis para, por assim dizer, dismantelar as versões dos episódios e as histórias sobre as mulheres que aparecem em *A Odisséia*, até então sempre tidas como “verdadeiras”. Nessa obra, Atwood desconstrói e carnaliza as convenções épicas, mesclando-as com gêneros narrativos múltiplos e criando uma atmosfera propícia para dar voz às escravas (que tinham sido enforcadas em *A Odisséia* por Odisseu e seu filho Telêmaco) e à Penélope, que então reconta a sua história desde o seu nascimento até o retorno de Odisseu, assim como a das malfadadas escravas. O mais interessante de tudo é que todas essas vozes femininas falam com a absoluta liberdade conferida pela condição de serem espíritos narrando e reavaliando fatos e versões de fatos supostamente ocorridos há cerca de três mil anos.

O toque inusitado desse livro de enquadramento genérico difícil desponta quando as escravas formam um Coro (parte importante das obras dramáticas gregas antigas, o que mais uma vez problematiza a classificação do gênero a que pertence a obra e desconstrói a noção tradicional que temos de “romance”). Enquanto parte desse Coro, as escravas demonstram a sua conquista de agência, verbalizando e denunciando a sua antiga condição de objeto e de identidade em falta, juntando a sua voz à de Penélope, cantando, dançando e declamando, para desconstruir, julgar e condenar o herói épico Odisseu, em pleno século XXI, patenteando, dessa forma, uma verdadeira nova possibilidade de *Bildungsroman* feminino. Vale ressaltar que o episódio do enforcamento das escravas é uma passagem menor e obscura de *A Odisséia*; todavia, o episódio assume no livro um *status* de proeminência por epitomizar a condição absolutamente opressiva e objetificante reservada para a mulher no androcêntrico mundo grego antigo.

O livro em questão foi originalmente publicado em inglês no ano de 2005 em Edinburgo, no Reino Unido, por Canongate, do Grupo Editorial O. W. Toad Ltd, com o título *The Penelopiad*. Editado no Brasil pela Companhia das Letras (SP), também em 2005, recebeu o título de *A Odisséia de Penélope*, e foi muito bem traduzido por Celso Nogueira. A versão portuguesa compreende 159 páginas e se divide em 29 capítulos curtos, ou relativamente curtos.

Ainda apreciando aspectos significativos da estrutura do livro, deve-se registrar que Atwood lança mão de um recurso inovador que não somente torna patente a intromissão da voz autoral no corpo da narrativa, ao contribuir com dados “extratextuais” que iluminam os sentidos e as estratégias utilizadas, como também enriquece os estratos polifônicos da obra, problematizando sobremaneira as tramas,

versões e conflitos que compõem a narrativa. Por exemplo, encabeça o livro uma “Introdução” em que a narradora já faz um *briefing* da *Odisséia* homérica, sinalizando que vai colocar em xeque versões de fatos tradicionalmente aceitas como válidas e únicas, o que já prepara o leitor para o trabalho parodístico de desconstrução e reavaliação de fatos e versões levadas a efeito pelo novo crivo do olhar feminino de Penélope e das suas outrora doze escravas. Torna-se sintomático destacar o que Atwood expressa no final dessa Introdução, quando afirma que o motivo do enforcamento das escravas e o real propósito de Penélope sempre a incomodaram no livro original, a ponto de sempre ter vivido “assombrada” por essas questões. Assim, resolveu transmitir essa inquietação para a Penélope que cria em sua reescritura da obra clássica no século XXI, oferecendo, assim, uma nova forma (cética) de se olhar para a obra original.

A Introdução, entretanto, não é a única parte do livro em que a intromissão da autora se impõe via um elemento “extratextual” da narrativa: seguindo-se ao último capítulo, há uma parte intitulada “Fontes”, em que a autora diretamente dá conta das fontes bibliográficas usadas, assim como uma outra com o título de “Agradecimentos”, em que são citadas nominalmente muitas pessoas que contribuíram das mais diversas formas para a execução da obra. Isso parece trivial de se reportar, mas se torna de fato relevante por parecer que Atwood compartilha a autoria do livro com todas essas personalidades ali referidas, de forma que se pode depreender que o produto literário final foi devido a muitíssimas vozes e atuações de vários escritores e escritoras. De alguma sorte, isto também nos remete à estrutura de uma outra grande obra de Atwood – *Alias Grace* (*Vulgo Grace*, em português), em que a autora faz algo semelhante, colocando um “pós-fácio” no final do livro, explicando a mistura de criações ficcionais com dados e documentos históricos (metaficção historiográfica) para contar a saga da

protagonista daquele livro, a desafortunada imigrante irlandesa Grace Marks. Acresça-se a isso que a estrutura dos dois livros também se assemelha de outras formas, pois a composição multifacetada e irregular dos capítulos de *A Odisséia de Penélope* espelha o que Atwood já havia feito com a constituição atípica dos capítulos de *Alias Grace*; ou seja, em *A Odisséia de Penélope*, os capítulos tem tamanhos irregulares e se compõem de narrativas comuns, entremeadas por outros capítulos compostos por cantos, danças e versos do Coro das doze escravas chacinadas.

Entremeando a já referida Introdução e as duas partes que fecham a narrativa, “Fontes” e “Agradecimentos”, sucedem-se dezenove capítulos narrados por Penélope, intercalados por dez capítulos narrados, cantados ou declamados pelas escravas. Todo esse arranjo polifônico configura uma estrutura muito original em que a parte das mulheres é colocada em evidência de uma forma que todos os outros episódios de *A Odisséia* são secundarizados. Dessa forma, inúmeros tópicos são referidos: a) a figura, as aventuras e os feitos de Odisseu são minimizados, ironizados ou, até mesmo ridicularizados; b) as escravas contam a sua triste história e suas origens, assim como também dão conta dos seus objetivos de vingança; c) Penélope revela a cumplicidade absoluta entre ela e as suas fiéis escravas, quando do tempo em que eram vivas no mundo material, revelando versões novas e insuspeitadas de episódios envolvendo ela mesma e as suas servas fiéis; d) Penélope apresenta a vida no Hades, mostrando os “prós” e “contras” de se viver lá, assim como apresenta as suas visões nada submissas com relação à forma como os homens tratavam as mulheres, usando o emblemático exemplo do próprio marido e do filho; e) Penélope questiona e desconstrói a razão do seu casamento com Odisseu, o relacionamento com os seus pais, assim como revela a rivalidade que confessa haver existido entre ela e a sua prima Helena. Enfim, muitos dos

episódios e versões tradicionais que compõem *A Odisséia* são esquadrihados por Penélope e as doze escravas, num genuíno e muito divertido processo de revisão.

Deve-se destacar ainda que dentre esses interessantes capítulos, dois há em que a originalidade das estratégias narrativas de Atwood atinge níveis altíssimos, assim como deixa transparecer a pesquisa sobre literatura, mito e história antiga de que a autora teve que se municiar para desconstruir as versões da antiga *Odisséia* masculina e reconstruir a odisséia feminina de Penélope e suas escravas. Trata-se dos capítulos 26 e 27. No primeiro deles, ocorre o julgamento de Odisseu num tribunal do século XXI, prosaicamente gravado em vídeo pelas escravas, e em que figuram um advogado de defesa, um juiz, as escravas, Penélope, as Eríneas e a própria Palas Atenéia, que vem em socorro de Odisseu, quando evocada pelo advogado de defesa. É um capítulo em que a inventividade e o talento de Atwood produzem efeitos deliciosamente humorísticos, principalmente em seu final, quando um magistrado contemporâneo se vê atônito ao perder o controle da ordem e da disciplina da corte, tendo que pedir que Palas cubra o seu seio e largue a sua lança, antes que todos desapareçam numa nuvem de fumaça.

O capítulo 27 intitula-se “A Vida Doméstica no Hades” e nele Penélope aborda as práticas divinatórias humanas como perturbações às almas dos mortos, mas confessa que experimentou observar o mundo material, uma certa vez, usando os olhos de uma médium. Também adiciona um elemento novo à religião antiga dos gregos, introduzindo a idéia de reencarnação, que ela chama de “rápidas excursões” ao mundo dos vivos, afirmando que Helena e Odisseu lançam mão desse recurso com propósitos distintos: ela, para fazer conquistas amorosas novas, atualizar-se sobre a moda e contar tudo à Penélope; ele, para engajar-se em novas aventuras e assumir identidades (histórica, artística ou politicamente famosas) para ficar temporariamente livre da

perseguição implacável das vingativas escravas. Na verdade, *A Odisséia de Penélope* é um pequeno livro que encerra abordagens de enorme relevância: a recuperação da voz, da agência e da visibilidade das mulheres, para quem até as formulações filosóficas de Platão e Aristóteles reservavam um *locus* de desvantagem e submissão; a riqueza do diálogo intertextual entre a *Odisséia* antiga e a nova odisséia feminina proposta por Atwood; o conhecimento firme e seguro de história e mitologia antigas por parte da autora, o que pode fazer com que um leitor menos atento ou informado sobre tais assuntos perca a “piada” numa ou outra das passagens de humor sutil de que Atwood impregna o seu texto.

Enfim, *A Odisséia de Penélope* é um livro tecnicamente muito bem elaborado e de temáticas sérias, que são abordadas de uma forma humorística; porém, que não se engane o leitor: se quiser ter um aproveitamento integral e real penetração em pelo menos algumas das intenções de Margaret Atwood, deve ir muito além do que se mostra risível.